

FONTE : F S P

DATA : 6 4 89

CLASS. :

62

PG. : A-3

# Ópera-bufa no Xingu

RICARDO F. SEMLER

Cada um tem o seu ídolo. Ultimamente, o ídolo de nosso governo tem sido o festejado Leopoldo Galtieri, o tal general argentino que decidiu inibir os incômodos debates internos sobre a sua competência, invadindo bravamente a importante região das Malvinas. Unindo estes ares renovadores da hombridade, e adicionando uma salpicada de Mombança, surgiu uma oportunidade ímpar ao governo brasileiro: a de mostrar que quem não é machão contra a inflação, a corrupção e a incompetência, ainda pode sê-lo em relação à ecologia.

A conversa começou quando os países civilizados descobriram que a vida na Terra deteriora em velocidade crescente. Apesar da obviedade de que 5 bilhões de pessoas necessariamente teriam baixa qualidade de vida num planeta que foi desenhado para bem menos, esta preocupação é muito recente. E ela advém da riqueza dos países mais prósperos. Lá, poucos se dispõem a trabalhar nove horas por dia ou assistirem a sua saúde deteriorar gradativamente dentro de uma fundição. A economia dos serviços, da automação e da substituição da mecânica pela criação já é realidade. Assim, todos os olhos se voltam para as poucas reservas naturais que ainda salpicam o planeta, e que são garantia de qualidade de vida no futuro.

Camada de ozônio furada, efeito estufa, suprimento de oxigênio. Concentrar as atenções para saber

se estes efeitos têm a envergadura alardeada por muitos ambientalistas é exercício ocioso. Mesmo que se descubra com o tempo que há pouca relação destes fenômenos com a floresta amazônica, nada muda a condição fundamental: o homem tem uma relação natural importante com o verde, e a diminuição desta o afeta negativamente. Por consequência, será assunto de atenção global daqui para diante. Provar que a temperatura do mundo quase não se alterou nos últimos cem anos é totalmente irrelevante — não é o caso de fazer experiências científicas para saber se o mundo precisa ou não de verde.

Internacionalização da Amazônia. Como se chegou nesta frase de efeito eu nem desconfio. Mas certamente foram alguns vivos no Planalto que delinearam a estratégia. O conceito é o seguinte: estamos ficando ainda mais com cara de bandidos frente ao mundo, agora que as queimadas correm soltas com financiamento do governo. Os países civilizados estão descobrindo que aqui é comum mandar assassinar quem não nos convém. Estamos na defensiva, e a única solução é partir para o ataque. Vamos fazer de conta que o Primeiro Mundo quer invadir a Amazônia e transformá-la em parque ecológico da humanidade. Conseguindo convencer os ouvintes da "Conversa ao Pé do Rádio", vamos reagir, indignados e com muita bravura, a esta tentativa

satânica de roubar o que é nosso. Iracema e seus lábios de mel nunca falarão holandês! Quando vierem os bombardeiros americanos e os Mirage franceses para atacar a Calha Norte, o nosso presidente, corajoso e destemido, deitar-se-á na Transamazônica em defesa da pátria. Lacrimejam os olhos do leitor ao pensar na hipótese...

Lamentavelmente, tudo não passa de uma fantasia terceiro-mundista. Ninguém propôs a internacionalização da Amazônia, absolutamente nenhum país falou em transformar a área em patrimônio de co-gestão, e nunca se imaginou que a solução da preservação da floresta passasse pela perda de soberania brasileira.

Vamos parar de brincar de ofendidos e encarar a realidade. Como disse com absoluta propriedade o ministro holandês, o Brasil tem dívidas demais e proteção ecológica de menos. Há que se achar uma maneira de unir o útil ao agradável. É só questão de seguir um raciocínio simples. O Brasil está (pois não é) um país pobre, e não consegue remeter juros e financiar ecologia ao mesmo tempo. Os países ricos não fazem questão alguma de receber a dívida, e estão tentando achar um jeito de perdoá-la, em parte, sem que pareçam paternalistas, e sem que o Brasil fique com cara de caloteiro oficial. A Amazônia tem a capacidade de juntar as pontas. Faz-se uma proposta onde

20% (digamos) da dívida são perdoados, e uma parte dos juros que iriam fluir para o exterior são aplicados na proteção da natureza. Só isso, simplório. Nada de falar em perda de soberania, comissões internacionais sobrevoando a floresta, ou co-gestão do programa. Reconheço que o nosso governo não tem lá fora a credibilidade de quem faz o que promete, mas nossa autonomia tem que ser preservada, e está todo mundo de acordo com isso.

Intimidar o coitado do ministro holandês que só estava querendo ser prestativo, ou dar uma de bravo em cima do representante soviético da ONU não é coisa de Abraham Lincoln, mas sim de Galtieri, ou mesmo Stroessner (que talvez tenha sido contratado pelo presidente como assessor especial para Assuntos de Ecologia). Vamos nos solidarizar com os que querem um planeta mais habitável, e que estão dispostos a contribuir para isto, sem nunca abrir mão de soberania. Vamos negociar com o Primeiro Mundo de igual para igual, e não com táticas de ofendidos. Vamos deixar claro para o mundo civilizado que a posição distorcida de nosso governo não representa o brasileiro consciente. E vamos para o coro final desta opereta do Xingu.

RICARDO FRANK SEMLER, 30, empresário, é pós-graduado em administração pela Universidade Harvard (EUA) e escreveu o livro "Virando a Própria Mesa".